

## Percorrendo a Bienal: umas salas especiais

ARNALDO PEDROSO,  
d'HORTA

Não teria muito sentido, numa exposição como a Bienal, de tão amplas dimensões materiais, proceder-lhe à análise caso se se tratasse de mostra comum, em que importava exemplificar, obra por obra, as observações feitas. Mas, como a falta de roteiro para a visita, torna inevitavelmente arbitrário qualquer ângulo de que se parta para exame, pareceu-nos que valia a pena começar seu estudo pelas salas especiais dos artistas brasileiros, no 2.º andar do edifício, pelo fato de se tratar de gente que continua a prestigiar a iniciativa, com sua presença ativa. Como, após isso, muitos convidados não atenderam à convocação, o visitante desprevenido irá estranhar que haja salas especiais para os que lá se encontram, quando não existem para outros nomes de destaque; embora essa deficiência não seja da responsabilidade da direção do certame, a distância entre o que nessa seção deveria haver, e o que realmente há, é enorme.

Fazendo-se a volta ao recinto pela esquerda, nesta parte do edifício, depois de passar pelos festivos bambus coloridos de Ione Saldanha, deparamos a sala de Di Prete. Acha-se ali reunida uma série de objetos sobre a parede, redondos e inquietos como pupilas vivas, de leve pintura e lento movimento; a obra está menos espacial e mais elegante. É uma bela série, imaginosa e de pesquisa muito pessoal, destacando-se, entre as formas de proporções modestas, uma construção maior, que é como aquário cheio de sugestões; o artista mantém-se no alto nível em que sempre se situou.

Segue-se Wegs, que parece aqui menos conturbada que de hábito, operando, na massa das tintas, mais aberturas e com melhor organização. Vida I define bem a paisagem e Vida V é bonito.

Vem depois Odriozola, em sua linha que não sofreu alterações. Destacamos particularmente Tozzo e Mulher deitada, ambos em técnica mista, e igualmente a Paisagem n.º 5, na qual, entretanto, a assinatura por demais evidente desequilibra a orquestração dos brancos e amarelos.

Há uma sala de homenagem a Waldemar Cordeiro, único dos artistas falecidos e lembrados na exposição, que recebeu uma sala significativa, com a apresentação de sua última modalidade de trabalho: fotos, processadas e traduzidas em linguagem de computador, coisa que tanto se assemelha, visualmente, a pontos de crochê.

Deparamos o grupo dos concretistas: Maria Helena Andrés, em composições geométricas, linearmente construídas; Arangelo Ianelli, com abstrações dos amplos espaços planos, qualificadas em que se abrissem os batentes de portas ou janelas; Ludolf, uma pintura feita de pingüinhos simétricos sobre fundo chapado, com resultado às vezes coruscante, de outras formando padrões como para tecidos.

A sala vizinha é a de Charoux, talvez a mais bela, pela coerência, dignidade e firmeza. Está ele num ponto alto de seu desenho e a intervalos concede-se a liberdade de sair dos

duros limites do preto e branco. São variados jogos de linhas, que mereciam ser ampliados nas paredes de grandes edificações, enriquecendo e diversificando esta nossa triste e monótona paisagem urbana.

Ubi Bava mostra a sua invenção das vitrinas-montagens, com espelhos — numa delas são 100 espelhinhos ordenados: na verdade trata-se de cem aberturas redondas, pelas quais se desdobra a imagem refletida no único espelho existente ao fundo da caixa de madeira; de um para outro desses objetos, muda o jogo das cores e num deles, entre a superfície externa e o espelho do fundo, situa-se uma rede de arame, num elegante efeito.

Fiaminghi comparece com trabalhos em que as cores e os quadros desenvolvem entre si um jogo. É mais vivo e imaginativo na série dos desenhos, de belos efeitos, decorrentes do traçar superposto.

Abelardo Zaluar, que corresponde à designação de arte construída, pois parte de algo pré-existente, Formula desenhos de linhas brancas, sobre a superfície de fotografias. Trata-se de brincadeira divertida, na qual o arabesco do desenho acrescentado, acentua, além, comenta ou disvirtua a foto original; no caso da foto das Odaliscas, de Ingres, ficou engraçado.

Depois de Maurício Nogueira Lima e Aluizio Carvão, sempre rigorosamente geométricos, comparece Manoel Mabe, que, saindo das facilidades e descaminhos que andou se extraviando, mostra-se agora, de novo, com força. Soleno, Vivo, Forte, Vibro — títulos de seus quadros, correspondem, como qualidade, à matéria plástica.

Trabal Pons faz, em público, com as gravuras que apresenta, uma demonstração do desenvolvimento de seu trabalho: as provas do estado têm, cada qual, um comentário indicativo da modificação a ser introduzida na chapa para encaminhamento do resultado pretendido, até o estágio final. A série do Mosaico noturno é bela e a do Rendez-vous lembra gravura japonesa.

Wladyslaw, em sua sala, mostra-se bem russo, na linha Chagall, com trabalhos entretanto diversificados: é abstrato em Auecendo, tem influência fotográfica em Visitantes; imagem possui inspiração religiosa, em bela e sofrida textura, e Face oculta é como que se está desfazendo.

Carybé apresenta-se com tapeçarias de motivos indígenas e de cenas populares baianas. Quanto à pintura, é desigual: há uma cavallada movimentada, um São Sebastião feiíssimo; na Hora do Meio Dia organiza uma subdivisão de quadros menores no espaço grande da tela — como em teatro — para mostrar a rua das prostitutas; já com A mulata grande e Praia do Bogari, parece encaixar-se para um tipo pessoal de surrealismo — o que, eventualmente, poderá vir a constituir-lhe uma saída.

O ponto final desta visita ficou sendo o espaço reservado para Maria Bonomi, e por ela não preenchido: apenas escreveu a mão, na parede do estande, recado mandando o visitante ir ver, o que ali não se encontra, em filme que fez com Farkas. Como piada ficou fraca, pois o que não falta na Bienal são salas vazias e painéis em branco, sucedendo-se monotona e.

## Fábrica tipo exportação.

Uma fábrica brasileira.

Que acaba de romper a barreira do desenvolvimento tecnológico.

E inicia a fabricação e a exportação dos primeiros computadores IBM Made in Brasil, com s.

Mais precisamente, Unidades Centrais de Processamento, Unidades de Fitas Magnéticas e Unidades de Controle de Fitas Magnéticas do Sistema/370 IBM.

Que até hoje eram fabricadas apenas nos Estados Unidos e Europa.

Que até ontem eram importadas de lá para o Brasil.

Agora, tudo mudou, como tudo tem mudado neste país.

E lá vão os componentes e unidades de computadores fabricados no Brasil pela IBM. Para a França, Alemanha, Itália, Estados Unidos, Suíça, Austrália, Japão, Iugoslávia — e muitos países da América Latina e da África.

Exatamente como aconteceu em 1964, com a exportação das primeiras conferi-

doras e perfuradoras IBM. E depois com as máquinas de escrever elétricas IBM.

Tudo, expresso em números, totaliza muitos milhões de dólares de vendas externas, de divisas para o Brasil.

Tudo, expresso em homens, significa o trabalho de 4 mil engenheiros, técnicos, especialistas, dirigentes. Brasileiros.

Que fazem fábricas que fazem máquinas que são exportadas que beneficiam o país que beneficia outros homens.

Brasileiros que, alguns deles, foram treinados na Alemanha e França para iniciar a produção de novos modelos de computadores.

Que também serão exportados.

Mas isso já é o amanhã. E o amanhã virá a seu tempo. O importante é alguém começar alguma coisa nova a cada dia neste país. Hoje, nós começamos a nossa. Hoje. No Brasil tipo exportação.

**IBM**  
IBM DO BRASIL LTDA.

Mais do que máquinas.



INTERMEDIÁRIA S. A. CORRETORA DE VALORES.

CORRETORA AUXILIAR S. A. CÂMBIO E TÍTULOS MOBILIÁRIOS.

Essa simples mudança tornou o nosso Grupo muito mais harmonioso.

A Intermediária S.A. Corretora de Valores sempre pertenceu ao Grupo Financeiro Auxiliar. Só faltava o nome. Agora, com a mudança de nome para Corretora Auxiliar S.A. Câmbio e Títulos Mobiliários, o Grupo está na mais completa harmonia.

E o endereço e os telefones da Corretora Auxiliar continuam os mesmos. Rua Boa Vista, 186. 9º andar, tels.: 34-4639 36-8472 e 36-7355



GRUPO FINANCEIRO AUXILIAR